



ANÁLISE DO DISCURSO DA MATÉRIA DE CAPA DA REVISTA NOVA ESCOLA: PROPOSTAS DE ABORDAGEM ACERCA DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA[√]



Carla Silva MACHADO*

RESUMO

Este artigo objetiva, a partir da Análise do Discurso em sua vertente francesa, analisar a matéria de capa da Revista **Nova Escola** de fevereiro de 2015, edição número 279, que trata das questões de gênero e sexualidade na escola. A matéria traz como chamada “**Vamos Falar sobre ele?**” e apresenta um menino vestido com a roupa da Princesa Ariel, uma personagem das histórias infantis, divulgada pelos estúdios Disney. A análise parte da maneira como a matéria apresenta perspectivas de trabalho com a temática de gênero e sexualidade no campo educacional a partir de alguns casos ilustrativos. Para construção deste artigo, apresento um referencial teórico que parte da Análise do Discurso e apresenta a perspectiva das Formações Ideológicas e Discursivas a partir dos Aparelhos Ideológicos do Estado e dos Dispositivos Culturais, neste sentido, aponto as mídias como um dos maiores expoentes dos Dispositivos Culturais. A partir daí, apresento uma análise da matéria de capa da Revista **Nova Escola** e defendo a ideia de que os meios de comunicação podem estabelecer brechas e boas referências para o trabalho acerca das questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Gênero. Sexualidade. Comunicação. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa discutir, a partir da Análise do Discurso, a matéria de capa da Revista **Nova Escola**, da edição de fevereiro de 2015, a matéria propõe-se a discutir gênero e sexualidade. A foto de capa da revista é um menino trajando um vestido da princesa Ariel, ele é um dos personagens da reportagem.

Importante ressaltar que, atualmente, a discussão acerca das identidades como algo não fixo, algo que vai se construindo e se modificando ao longo do tempo

[√] Artigo recebido em 09 de setembro de 2015 e aprovado em 15 de dezembro de 2015.

* Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). @: carlasingular@yahoo.com.br



está posta tanto nos meios de comunicação quanto nos espaços educacionais e informacionais de maneira geral, neste sentido, podemos considerar esta discussão como uma pauta recente.

Nas palavras de Santos (1994, p. 31):

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso.

Além disso, no campo da educação há uma discussão em todo o Brasil acerca dos Planos Municipais de Educação e se nestes planos devem constar o trabalho com gênero e sexualidade, os defensores desta ideia estão sendo chamados de apoiadores da Ideologia de gênero, enquanto os contrários, afirmam que esta deve ser uma discussão que cabe à família e às denominações religiosas.

Pretendo discutir as possibilidades da comunicação e da educação fazerem a diferença ao proporem um discurso mais aberto, respeitando as diferenças em relação às discussões acerca de gênero e sexualidade. Vale ressaltar que a linha editorial da revista segue esta abordagem, ou seja, entende que as questões afetas à diversidade sexual devem ser discutidas na escola.

Para construção deste artigo, apresento um referencial teórico que parte da Análise do Discurso em sua vertente francesa, cujo um dos expoentes é o pensador Michel Pechêux chegando às convergências e divergências entre Aparelhos Ideológicos do Estado e Dispositivos Culturais para, a partir daí, apresentar uma análise da matéria da Revista **Nova Escola** de fevereiro de 2015 e termino defendendo a ideia de que os meios de comunicação podem estabelecer brechas e boas referências para o trabalho acerca das questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar.

Entendo, ainda, que esta discussão torna-se essencial tanto nos espaços de formação ideológica, como a escola, quanto nos espaços cuja função principal não

seja essa, a formação dita formal, como os meios de comunicação e outros Dispositivos Culturais.

2 ANÁLISE DO DISCURSO: APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO E DISPOSITIVOS CULTURAIS

Meu enfoque à ideia do Discurso o vê ligado à noção de acontecimento, ou seja, o movimento das palavras ou, ainda, o envolvimento das palavras no mundo, neste sentido, seguindo as palavras de Foucault (2003, p. 5-6):

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo (...). Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível.

Foucault (2003) defende, neste trecho, que discurso e fala não são simultâneos, a fala é apenas a concretização do discurso, antes da fala existe o silêncio, o pensamento e a concepção ideológica. O discurso seria a representação de todos esses elementos, discurso é, portanto, representação e performatividade.

Dessa forma, pode-se entender que a ideia de discurso defendida por Foucault estão bastante próximas dos estudos da Análise do Discurso em sua vertente francesa, cujo representante é o filósofo Michel Pechêux, o autor considera Sujeito, Discurso e Ideologia como peças essenciais e inseparáveis na compreensão dos sentidos. Para Pechêux, a Análise do Discurso se dá a partir de três campos: a Psicanálise, a Linguística e o Marxismo. Nas palavras de Orlandi (2002, p. 15-16):

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.

Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no



mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

Orlandi (1987) apresenta uma tipologia para o discurso levando-se em conta alguns critérios: *funcionamento discursivo*, *reversibilidade* e *polissemia*. O funcionamento discursivo é “a atividade estruturante de um discurso determinado, para um interlocutor determinado, por um falante determinado, com finalidades específicas” (p. 153). Ou seja, é saber estruturar o discurso a partir do objetivo que se pretende atingir, sem esquecer que essa estrutura não leva em conta somente o falante, mas se tem como objetivo atingir um interlocutor determinado, neste sentido, leva-se em conta as expectativas e perspectivas desse destinatário.

Na prática, ao darmos uma aula sobre determinado tema, sempre a adaptaremos ao nosso público, seja em relação à faixa etária, nível socioeconômico ou mesmo habilidades/competências da turma.

Na revista impressa, meu escopo de análise neste artigo, o público a que ela se destina será envolvido por um tipo de discurso, além de uso de determinadas expressões e outros elementos que tornam a linguagem familiar, dessa forma, o texto torna-se mais próximo do receptor criando uma rápida identificação.

O segundo critério discursivo, a reversibilidade, é a dinâmica da interlocução. Orlandi propõe graus maiores ou menores de reversibilidade, de acordo com a abertura dada aos interlocutores. Pensando, ainda, na sala de aula, a linguagem mais usual, por exemplo, é a formal, com pequenas possibilidades de adoções de níveis de linguagem diferentes desta. No caso da revista analisada, como o público são professores, a linguagem é bastante didática e pedagógica, havendo inclusive, jargões da área educacional, o que garante a cumplicidade com o público-alvo.

O terceiro critério é a polissemia que são as muitas possibilidades de darmos sentido a um mesmo discurso. A linguagem polissêmica permite muitas interpretações de um mesmo texto, quanto mais polissêmica, mais ampla é a possibilidade de interpretação de um texto. No artefato analisado, a matéria de capa da revista, a polissemia é quase nula, pois é usada uma linguagem pedagógica e de aconselhamento.

A partir desses três critérios, Orlandi (1987) propõe três tipos de discurso: o autoritário, o polêmico e o lúdico. O discurso autoritário é aquele contido em que a polissemia e a reversibilidade são quase nulas, é o discurso da verdade absoluta, típicos, por exemplo, do discurso pedagógico e, conseqüentemente, do discurso presente na escola. O discurso polêmico é o discurso em que se controlam a reversibilidade e a polissemia, é mais aberto ao destinatário do que o discurso autoritário, mas apresenta uma abertura ainda controlada. O discurso lúdico é o da reversibilidade e da polissemia por excelência, é o que permite a abertura entre os interlocutores, este último, muito presente na literatura, no cinema e nas artes de maneira geral.

A partir da tipologia proposta por Orlandi, podemos entender que o discurso literário, cinematográfico e das artes em geral está mais próximo do lúdico, pois é polissêmico, ou seja, permite ao leitor várias interpretações e várias possibilidades de entendimento. O lúdico está ligado à linguagem do prazer e segundo Orlandi (1987, p.154) “contrasta fortemente com o uso eficiente da linguagem voltado para fins imediatos, práticos, etc.”. No caso da matéria de capa da Revista **Nova Escola**, assume-se um discurso muito próximo do pedagógico, com opiniões de especialistas da área, o que dá um tom mais autoritário, menos reversível.

Vale, ainda, apresentar um termo bastante caro à Análise do Discurso, que aparece nos estudos de Foucault, Althusser e Pêcheux que é a questão da materialidade ideológica e discursiva: o Discurso, segundo esses pensadores, constitui-se da Formação Ideológica (FI) e da Formação Discursiva (FD). A Formação Ideológica envolve as posições de classe, é o lugar social de onde vem o discurso, está ligado às noções de Aparelhos Ideológicos do Estado propostas por Althusser (1996), e, segundo Pêcheux (1996, p. 145):

(...) a instância ideológica em sua materialidade concreta, existe sob a forma de ‘formações ideológicas’ (referidas aos Aparelhos Ideológicos de Estado), que têm um ‘caráter regional’ e envolvem posições de classe: os ‘objetos’ ideológicos são sempre fornecidos juntamente com seu ‘modo de usar’ – seu ‘sentido’, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe a que servem –, o que permite o comentário de que as ideologias práticas são práticas de classe (práticas da luta de classes) na ideologia.



A Formação Discursiva é o funcionamento discursivo, ou seja, a materialização da Formação Ideológica, sendo assim, é o próprio discurso. Para Brandão (1995, p. 39-40):

O conceito de FD regula, dessa forma, a referência à interpelação-assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso. É a FD que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre os sentidos a dar às palavras, 'falar diferentemente falando a mesma língua'. Isso leva a constatar que uma FD não é 'uma única linguagem para todos' ou 'para cada um sua linguagem', mas que numa FD o que se tem é 'várias linguagens em uma única'.

A Formação Discursiva é, portanto, a maneira que cada um de nós irá manifestar suas concepções frente ao mundo a partir de nossos suportes ideológicos/culturais.

Pode-se constatar que a nossa Formação Discursiva e Ideológica são construções sociais subjetivas, mas estas são fortemente influenciadas pelos Aparelhos Ideológicos do Estado, termo cunhado por Louis Althusser em seu texto **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (notas para uma investigação)**. Segundo Althusser (1996, p. 114): "Daremos o nome de Aparelhos Ideológicos do Estado a um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob forma de instituições distintas e especializadas."

Entendo que os Aparelhos Ideológicos mencionados pelo autor são instituições como igreja, família e escola. Acredito que os discursos dessas instituições são facilmente disseminados pelos atores sociais que fazem parte ou são atraídos por estes. E mais, pelo estudo proposto por Althusser, na década de 1960, estas instituições estariam mais ligadas ao discurso autoritário proposto por Orlandi.

Entendo, ainda, que durante muito tempo, o discurso dessas instituições era combatido ou servia de contraponto aos discursos dos chamados Dispositivos Culturais representados pelo cinema, literatura, publicidade e as mídias de maneira geral. Podendo estes ser considerados discursos lúdicos, pois trabalham com a polissemia, a reversibilidade e a abertura.

Penso que, na Atualidade, esta distinção entre os Discursos e tipologias dos Discursos dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) e dos Dispositivos Culturais já

não é tão acentuada, como era na década de 1960, período do estudo de Althusser. Isso porque os espaços cada vez se tornam mais híbridos e estão em constante transformação, se pegarmos a escola como exemplo, podemos aprender a partir de um filme, usando de uma linguagem mais polissêmica, as mídias estão presentes no cotidiano escolar, além disso, mesmo que existisse uma escola em que esses Dispositivos não entrassem, os atores presentes neste espaços têm acesso aos Dispositivos Culturais no seu dia a dia, fora deste ambiente.

Partindo destas considerações, remeto-me à ideia de controle na produção do Discurso, mencionado por Foucault (2003, p. 8), quando nos fala que, supostamente,

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

A partir disso, pode-se constatar que a escola e os demais Aparelhos Ideológicos do Estado abriram-se para os Dispositivos Culturais; primeiro porque essa abertura seria inevitável, visto que os frequentadores deste espaço também frequentam outros espaços em que a cultura visual, as artes, a mídia e a linguagem audiovisual prevalecem; segundo, porque viu-se nestes dispositivos uma possibilidade de tornar o ambiente escolar mais prazeroso, numa perspectiva de manutenção do *status* de formador (de ideologias, inclusive).

Segundo Ferrari e Castro (2012, p. 13):

A incapacidade de separar a Educação de outros campos de conhecimento e das imagens de forma geral abriu a possibilidade de novas áreas de investigação, não somente no campo das visualidades, mas também, na Formação Docente, no Currículo, nos Estudos de Gênero e Sexualidade, nos Processo de Subjetivação. Isso porque falar de imagem, de produção de imagens, de significação e representação visual supõe incluir o espectro das Artes e da Cultura Visual no âmbito dos processos educativos ancorados em contextos de subjetivação.

As diversas linguagens dos Dispositivos Culturais estariam mais ligadas ao Discurso do prazer, neste sentido, elas formam e transformam concepções sem o compromisso de apenas doutrinar ou cultivar ideologias, logo sua função principal é



o entretenimento, mas, ao entreter e divertir, também ensina, faz adotar concepções e mostra, muitas vezes, maneiras diferentes de entender o mundo, ou ainda, reforçam concepções já preestabelecidas e fortemente disseminadas.

3 A REVISTA NOVA ESCOLA – EDIÇÃO GÊNERO: FEVEREIRO DE 2015



Capa da Revista Nova Escola –Edição de Fevereiro de 2015.¹

A Revista **Nova Escola** é uma publicação ligada ao discurso autoritário, à medida que se propõe a auxiliar o professor na sala de aula, ela tende a ensinar, doutrinar, aconselhar, sugerir possibilidades de ação na escola; mas, ao mesmo tempo, apresenta possibilidades de trabalho em sala de aula que estão ligadas à cultura visual, às artes e aos meios de comunicação, neste sentido, o professor leitor da revista pode, a partir do proposto na revista, desenvolver atividades mais lúdicas em sala de aula.

¹ Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impressas/revista-nova-escola-indice-fevereiro-2015-834500.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2015.

A Revista é uma publicação da Editora Abril e em sua edição número 279 de fevereiro de 2015 traz em sua matéria de capa a temática das relações de gênero e sexualidade, a capa da revista é a foto de um menino britânico chamado Romeo que foi expulso do contraturno da escola que frequentava por usar vestidos. Romeo aparece na foto com um vestido da personagem Ariel, princesa dos desenhos Disney, filme cujo público-alvo principal são as meninas. Abaixo da foto de Romeo aparece a chamada: “**Vamos falar sobre ele?** Como lidar com um aluno que se veste assim? Uma reflexão sobre gênero e sexualidade.”

A matéria, principal da edição, é classificada como uma matéria que trata de gênero, e apresenta oito páginas com fotos, entrevistas com pesquisadores, pais de alunos, e alunos que passaram por situações de discriminação sexual na escola. São apresentados três casos, três personagens e três questões são abordadas: a homofobia, o machismo e os rótulos culturais em relação à roupa de menino e de menina. Estas questões são apresentadas a partir de depoimentos de alunos que sofreram algum tipo de discriminação na escola.

No primeiro caso, uma adolescente sofreu represálias na escola por divulgar sua homossexualidade, a aluna sente-se coagida e é silenciada pela equipe gestora e professores. A solução encontrada pela família e pela própria aluna é a troca de escola, ela vai para uma instituição que tem projetos envolvendo gênero e sexualidade e sente-se acolhida pela instituição. A revista apresenta o caso e aponta que a escola em questão poderia agir de maneira diferente, não tolerando, por exemplo, situações de *bullying* e promovendo o debate em torno das questões de gênero.

O segundo caso apresentado na matéria é de uma adolescente que vai a um passeio promovido pela escola e é atacada por quatro colegas de sua turma que tentam passar as mãos nos seios dela, ela reclama com o professor, que segundo a matéria, indignado liga para o orientador pedagógico, porém, ao chegar ao conhecimento da equipe gestora da escola, há o discurso de que a aluna provocou os colegas, ou seja, do papel de vítima ela passa a ser responsabilizada pelas ações dos colegas. A revista sugere aos leitores que esses episódios não podem ser tratados com naturalidade, que a escola precisa discutir estas questões mais a fundo e não pode culpabilizar a vítima por comportamentos machistas dos outros.



O terceiro caso é de um aluno de uma escola carioca que vai à aula de saia e que é chamado pela direção da escola para explicar o motivo de usar tal vestimenta e, depois de uma longa conversa, é convidado a não ir mais à escola usando saias. O aluno comunicou o fato aos colegas e junto com o grêmio escolar organizaram um evento intitulado 'saiato', marcaram um dia e mais de 30 alunos foram de saia no dia marcado. A direção da escola ignorou o evento, apesar de o fato ter repercutido em vários meios de comunicação. A revista sugere que a escola poderia ter aceitado as roupas do aluno, levando-se em conta que o uso de determinada roupa é uma questão cultural.

Vale ressaltar que, nos três casos apresentados, o conselho da revista ao público leitor é de que a escola deva assumir o debate em torno da temática, de que professores e equipe gestora devem assumir a responsabilidade de discutir o assunto, propor projetos e não silenciar-se diante da questão.

Ao consultar a página que a Revista **Nova Escola** mantém no *Facebook*, encontrei a seguinte caracterização da publicação:

Descrição curta: A maior revista de Educação do País visa auxiliar o trabalho dos professores dentro da sala de aula.

Descrição Longa: NOVA ESCOLA é uma publicação da Fundação Victor Civita, cuja missão é contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica no Brasil, produzindo conteúdo que auxilie na capacitação e valorização de professores e gestores e influencie políticas públicas.

Ao analisarmos a condução da matéria, inclusive com depoimentos das pesquisadoras da área de gênero, sexualidade e educação como Guacira Lopes Louro, Constantina Xavier Filha, além dos depoimentos dos alunos e de seus pais, percebemos uma importante manifestação da revista em prol da discussão de gênero e sexualidade no ambiente escolar. A revista entende que esta é uma discussão que cabe no contexto das escolas. Ao deixar claro em sua página de divulgação que a revista visa auxiliar o trabalho dos professores em sala de aula, fica evidente, mais uma vez, que a postura da revista é de fazer com que o discurso das relações envolvendo gênero, sexo e sexualidade cheguem à sala de aula.

Outra questão que nos parece contribuir para a afirmação de que a revista defende a circulação das ideias em torno das questões que envolvam gênero e

sexualidade é o fato de nos três casos apresentados, haver ao final do texto um aconselhamento de como as escolas poderiam agir diante dos fatos apresentados, nos três casos a revista aponta para a necessidade do diálogo e de ações que visam garantir a liberdade de expressão, observando, ainda, que a diversidade deve ser algo a ser levada em conta no ambiente escolar, ou seja, as identidades não são fixas, existem várias maneiras de ser.

Além das questões destacadas, a revista divulgou na matéria o endereço contendo o *link* para o material produzido pelo Ministério da Educação, que fazia parte do programa Brasil sem Homofobia e que foi vetado por parlamentares antes de sua distribuição.

Segundo o jornalista responsável pela matéria da revista:

A intenção era de que o material fosse distribuído a escolas de todo o país. Antes da impressão, entretanto, congressistas ligados a entidades religiosas se opuseram ao projeto. Apelidado de 'Kit gay', o conteúdo foi acusado de estimular 'a promiscuidade e o homossexualismo' – termo em desuso por remeter à doença (hoje fala-se homossexualidade). A união cedeu às pressões e vetou a circulação dos cadernos. Oficialmente, não há perspectivas para que este material saia do armário. Mas agora ele está disponível no site de NOVA ESCOLA (novaescola.org.br/educação-sexual). Leia e tire suas conclusões (SOARES, 2015, p.31).

Para os pesquisadores da área, talvez, a revista tenha apresentado o óbvio, mas há uma questão importante a ser levantada: a revista é de grande circulação, no site da editora, a informação é a de ela é a quarta em número de assinantes, perdendo apenas para **Veja**, **Exame** e **Super Interessante**, portanto, o discurso produzido por ela é de amplo alcance. Além disso, o fato de a revista apresentar uma visão bastante contemporânea da discussão acerca de gênero e sexualidade, usando casos do cotidiano da escola, tende a aproximar o público leitor da realidade apresentada.

Vale ressaltar que o público da revista é formado em grande parte por professores da educação básica e estudantes dos cursos de formação de professores. Neste sentido, a revista age de maneira a proporcionar a discussão e mais, dá subsídios a quem queira aprofundar no assunto.

Além disso, a revista aproveita de um momento que esta discussão está em voga em todo o país, com posições muito acentuadas tanto por parte de quem



defende essa discussão no âmbito escolar, quanto dos que acreditam que a escola não é o ambiente para discutir questões ligadas a gênero e sexualidade para posicionar-se favorável ao primeiro grupo, aquele que defende o debate. Neste sentido, a revista pode ser vista como um material de grande relevância para contribuir com as discussões de gênero e sexualidade no ambiente educacional. Sendo assim, podemos entender a publicação como a máquina produzindo um discurso não hegemônico, ou seja, essa publicação em especial seria uma brecha em meio a tantas publicações que assumem um discurso mais consensual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos entender a Revista **Nova Escola** como um Artefato ou Dispositivo Cultural que se tornou Pedagogia Cultural, pois mais do que informar, levando-se em conta seu público leitor, irá transmitir possibilidades de trabalhos didático-pedagógicos, ou seja, produzirão significados que vão além da informação, pode ser usada, ainda que não seja o objetivo central da publicação, como formação de professores, visto que a própria revista coloca em sua missão a necessidade de “contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica no Brasil, produzindo conteúdo que auxilie na capacitação e valorização de professores e gestores e influencie políticas públicas”.

Xavier Filha e Bacarin (2014, p. 59) citando Silva (2000, p. 89) afirmam que a pedagogia cultural é “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvida no processo de transmissão de atitudes e valores, como cinema, televisão, revistas, etc”.

A Revista **Nova Escola**, a partir da matéria de capa de fevereiro de 2015, pode ser usada como exemplo de meio de comunicação que contribuiu com o debate. Sabe-se que este é um debate que está na pauta das matérias sobre educação em todo o Brasil, porém, a revista, a partir dos casos apresentados, mostra aqueles que são atingidos pelas políticas públicas de maneira mais imediata, os alunos. Além disso, a revista aponta sugestões para professores, alunos e comunidade escolar envolverem-se no debate de maneira efetiva.

A revista também aponta caminhos e soluções para que a escola possa ser um espaço de formação cidadã e que vise a uma formação para a diversidade.

Dessa maneira, os artefatos culturais, neste artigo, representado pela revista analisada, produzem sujeitos e são produzidos por eles, ou seja, constroem nosso ser e nossa maneira de ver o mundo.

DISCOURSE ANALYSIS OF THE COVER STORY OF THE MAGAZINE NOVA ESCOLA: APPROACH PROPOSALS REGARDING MATTERS OS GENDER AND SEXUALITY AT SCHOOL

ABSTRACT

This article aims, based on the French school Discourse Analysis, to analyze the cover article of the magazine *Nova Escola* of February 2015, issue 279, which deals with matters of gender and sexuality at school. The article brings the headline “Let’s talk about him?” and shows a boy dressed with a Princess Ariel costume, a Disney animation character. The analysis starts with the manner in which the article presents the work perspectives dealing with gender and sexuality in educational settings from a few example cases. To construct such discussion, I present a theoretical framework based on Discourse Analysis, especially the Ideological and Discursive Formations from the Ideological Framework of the State and of Cultural Devices. Then, I present the analysis of the cover story of the magazine *Nova Escola* and defend the idea that the means of communication may offer gaps and good work references to work with matters of gender and sexuality in school settings.

Keywords: Discourse analysis. Gender. Sexuality. Communication. Education.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (notas para uma investigação)**. In: **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: editora da UNICAMP. 4 ed., 1995.

FERRARI, Anderson. CASTRO, Roney Polato de. Política e poética das imagens: implicações para o campo da educação. In: FERRARI, Anderson. CASTRO, Roney Polato de. (organizadores) **Política e poética das imagens**. Juiz de Fora. Ed.UFJF, 2012. p. 12-17.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola. 9 ed., 2003.



ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 4 ed., 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento; as formas do discurso**. 2 ed. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. **O mecanismo do (des) conhecimento ideológico**. In: **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152.

REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/revistanovaescola>>. Acesso em 27 fev. 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em:<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impresas/revista-nova-escola-indice-fevereiro-2015-834500.shtml>. Acesso em 12 dez. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira. In: **Revista Tempo Social**. USP, São Paulo, Nov. 1994. p. 31-52.

SOARES, Welington. Precisamos falar sobre Romeo... IN: **Revista Nova Escola**. Ano 30. no.279, Ed.Abril. Fev. 2015.p. 25-32.

XAVIER FILHA, Constantina. BACARIN, Telma Iara. O mundo da Barbie em “Escola de Princesas” e em “As três Mosqueteiras”. IN: XAVIER FILHA, Constantina (organizadora). **Sexualidades Gênero e Infâncias no cinema**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. p. 43-60.